



HOMENS DO CEARÁ

Ha quem já tenha sustentado que não é a intelligencia que constitúe o principal elemento dos povos, sendo que não é pela intelligencia, mas pelo estomago, que as nações se desenvolvem. Isto equivale a dizer que a cabeça, que dirige, deve estar subordinada ao braço, que executa. E' um absurdo; mas como quer que seja, é a intuição que prevalece nas circumstancias do momento. D'ahi a grande importancia concedida ordinariamente aos capitalistas e banqueiros, ou mais particularmente aos jogadores de bolsa, que em verdade e a julgar pelo prestigio de que gosam, bem poderão ser denominados a *masculatura positiva* dos governos.

Mas como para sustental-os é indispensavel o braço armado, que os defenda, outro elemento se faz necessario: —a força. D'ahi o prestigio dos exercitos e o predominio do militarismo.

Tambem os governos se mostram particularmente interessados em fazer pender para esse lado a balança da opinião. Preocupados quasi exclusivamente com as necessidades presentes, esquecem que é sua principal missão—preparar o futuro—, não vacillando um instante em sacrificar ás ambições do momento a geração, que ha de vir.

Deste modo, considerações especiaes, privilegios particulares são concedidos aos homens de guerra, insinuando

do-se por todos os modos que a gloria mais brilhante é a das armas, se bem que seja manchada de sangue, no dizer de eminente publicista.

Notavel internacionalista francez observa que o que mais concorre para esta deploravel situação do espirito moderno, é a viciosa direcção, que se dá á educação das novas gerações, illudindo-as sobre a natureza da verdadeira gloria, enchendo a memoria das creanças da narrativa das explorações guerreiras, relegando para entre os accessorios da historia a menção dos bemfeitores da humanidade. « Se os homens, que redigem os programmas do ensino publico, fossem melhor inspirados, accrescenta elle, dariam um logar menos consideravel, uma parte menos exclusiva aos factos de guerra, ás conquistas; recomendariam sobretudo, que não se ligue a verdadeira gloria senão a actos brilhantes de humanidade e de justiça, aos principes que poupam o sangue de seus povos, aos sabios que fazem descobertas uteis, aos escriptores, aos artistas cujos trabalhos são de natureza a elevar os espiritos e os corações, a todos aquelles que concorrem por suas faculdades, por sua applicação, por seu devotamento, para elevar o nivel dos conhecimentos humanos e melhorar as condições da existencia da sociedade. » (*)

Não acontece, porém, assim na pratica ordinaria dos povos modernos, em geral, extremamente egoistas. Colloca-se acima de tudo o capital, como instrumento do gozo; e depois do capital, a força como instrumento de guerra. Tal é com effeito a situação geral na epocha contemporanea, notando-se que entre nós tudo ainda mais se aggrava pela circumstancia particularissima da crise revolucionaria por que vae passando o Paiz.

E' de crêr, porém, que venham melhores tempos; e duas circumstancias nos auctorisam a alimentar esta esperança. A primeira consiste no facto de que já se torna sensível a necessidade da paz e de uma a outra extremi-

(*) Pradier Foderé—*Traité de Droit International Public Européen et Américain*, vol. V, pag. 30.

dade da Republica parece que se ouve ecoar este grito a repercutir com intensidade em todos os corações patrióticos: *basta de revolução*. A segunda está na tendencia, que se nota em muitos de nossos homens mais prestimosos para deixarem de lado a politica e entregarem-se de preferencia ás luctas da intelligencia.

Entre nós pelo menos (referimo-nos ao Ceará), não obstante as proporções acanhadas de nosso meio em relação aos outros centros da Republica, parece que já começa a fazer-se uma athmosphera separada e distincta da athmosphera politica, onde possamos respirar e viver livremente. Os que pensam, os que trabalham pela cultura do espirito, já não se sentirão isolados: ha quem os anime e console; e de uns para outros sentimos que já começa a se estabelecer a mais salutar convivencia.

De tudo isto resulta que um espirito novo nos invade, preparando-nos para luctas até então desconhecidas no circulo commum de nossas relações ordinarias. O que sobrevirá no futuro? Ninguem poderá assecurar-o; mas o que é certo é que já começámos a fazer alguma cousa. « Não estamos parados; estamos a caminho »—já o disse um nosso illustrado collega, o Dr. Pedro de Queiroz. (*)

Isto, porém, não é obra do acaso; é o resultado do esforço perseverante de alguns nobres pensadores, que fugindo ao tumulto das commoções sociaes, desde muito trabalham silenciosamente, abnegadamente pelo levantamento de nossa mentalidade. Esses são poucos, mas não cançam; vivem quasi sempre ignorados e pouco se preocupam com as vantagens pessoas do seu trabalho. Não obstante experimentados em luctas ignoradas do mundo, mas tão grandes que chegam a tornar-os inferiores ao interesse e a paixão, nada temem conscientes de que são verdadeiramente os instrumentos de uma missão perpetua, constituindo o unico elemento immortal da humanidade.

(*) Discurso pronunciado em sessão solemne da Academia Cearense.

D'esses é que directamente nos vem tudo o que apparece de grande e elevado.

E a turba muita commum das intelligencias burguezas os chama de loucos ; outros estranham que vivam até certo ponto fóra do mundo e desconheçam o goso ; e outros ainda os qualificam de ineptos.

Eu direi simplesmente : são os exploradores incomprehendidos da mina da verdade ; são o germen obscuro de que se origina a corrente com que afinal chegará a se constituir o oceano do pensamento.

Apontar esses homens á geração, que começa, mostrar quanto fizeram em bem de nosso melhoramento, avaliar o contingente com que concorreram para o levantamento de nossa mentalidade, apontal-os á multidão como um exemplo a seguir, seria sem duvida uma nobre missão. Para isto, porém, fôra necessario organizar uma galeria completa dos nossos mineiros do pensamento. Eu não tentarei esta empreza, que de direito pertence a outros menos estranhos a tal ordem de estudos. Todavia indicando aqui aos competentes um thema fecundo para uma obra de grande utilidade, aproveito a occasião para publicar algumas notas, que tenho tomado sobre algumas das nossas individualidades mais salientes, começando pelo nosso illustre compatriota, Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brazil.

I

Dr. Thomaz Pompeu

Se ha entre nós homens, que verdadeiramente mereçam a veneração dos contemporaneos por actos de abnegação e patriotismo, por constantes esforços em bem da collectividade, e mais particularmente por sua decidida vocação pelas lettras e perseverante applicação ao desenvolvimento da sciencia, entre estes occupa, por certo, o Dr. Thomaz Pompeu logar eminente.

Com effeito, é elle dos poucos que em nosso Paiz abraçam o circulo todo inteiro dos conhecimentos huma-

nos, podendo-se dizer, não só que é um espirito viajado por todos os ramos do saber, mas precisamente que tem os melhores elementos para constituir o exemplo rarissimo de uma illustração encyclopedica. E' um trabalhador infatigavel, uma cerebração vigorosa, uma das nossas intelligencias mais fecundas, se bem que seja muito menos conhecido do que tantos outros em torno dos quaes faz grande ruido a opinião publica nacional. E' verdadeiramente o continuador da obra começada por seu pae, o illustre senador Pompeu ; mas este era apenas uma gloria cearense, quando o filho é já uma gloria brasileira, devendo occupar um lugar de honra na galeria dos pensadores nacionaes.

Não obstante, é pouco conhecido, tanto assim que é menos conhecido talvez como homem de sciencia, do que como politico, quando é certo aliás que a politica já não tem para elle seducções. Mas isto é o que se explica mui naturalmente : 1.º porque concentrado e modesto, o Dr. Thomaz Pompeu gosta pouco de apparecer, como, ao que parece, gosta pouco de ouvir falar em seu nome ; 2.º porque não escreve no genero de litteratura preferido do publico, colloca-se a uma certa altura inacessivel ao vulgo, predomina em seu estylo a concisão mathematica, abundam em suas exposições os quadros estatisticos. Tambem Thomaz Pompeu não se honraria com a gloria de simples escriptor popular. Dotado de estylo masculino e vibrante, poderia, se quizesse, representar papel saliente no romance ou na critica, como na propaganda das idéas ordinarias da epocha. Mas vê-se perfeitamente que elle visa outro alvo : não tem por fim o exito puramente litterario ; preocupa-se com os interesses reaes da sociedade ; não escreve para jornalistas e criticos, mas precisamente para engenheiros, medicos, para estadistas e advogados.

*
* *

Como prova do que ahi fica dito, passo a fazer uma rapida exposição dos seus principaes trabalhos, segundo

a ordem da producção. Limitar-me-hei a citar suas obras sem fazer commentario algum. Não obstante, com isto acredito prestar um serviço, não somente a futuros biographos, mas principalmente á mocidade estudiosa, a quem apresento o exemplo de uma vida exclusivamente dedicada ás luctas da intelligência, indico a direcção do caminho, que leva á verdadeira gloria.

Nascido em 30 de Junho de 1852, o Dr. Thomaz Pompeu começou os seus estudos de humanidades no *Atheneu Cearense*, em 1864. Logo em 1865 seguiu para o Rio de Janeiro onde cursou preparatorios nos collegios jesuiticos dos Padres Paivas, no Rio Cumprido, e no de de Monsenhor Reis (*Atheneu Fluminense*).

Em 1868 matriculou-se na Academia do Recife, concluindo o curso juridico em 1872.

De volta á sua terra, n'este mesmo anno começou a escrever para o jornal *Cearense*, do qual foi principal redactor de 1874 a 1878.

Desde 1873 formara com Rocha Lima, João Capistrano, João Lopes, Xilderico de Faria, Dr. Mello uma associação litteraria e scientifica, na qual cada socio era obrigado a fazer á noite, quando se reuniam, a exposição critica das doutrinas do ultimo livro, que lêra. Esta associação tornou-se celebre no Ceará: foi ahi que se avigorou o espirito alevantado de Rocha Lima; foi ahi que começou a actividade mental de Capistrano; e se todos estes, como muitos outros que d'ahi partiram, valem muito, é sem duvida ao Dr. Thomaz Pompeu que cabe o maior quinhão de gloria, pois foi elle verdadeiramente o pae espirital de toda essa geração de pensadores. Rocha Lima, creio, o chamava nosso mestre, e é sempre possuido do mais profundo respeito que se mostra, sempre que a elle se refere. Tratando da licção com que foi por elle inaugurado o curso de historia universal na *Eschola Popular*, que foi fundada para os pobres operarios, eis em que termos se exprime o joven e brilhante autor do apreciado trabalho *Critica e Litteratura*: « Assistimos á primeira conferencia do curso de historia universal, que inaugurou na *Escola Popular* o illustre Dr.

Pompeu Filho. Conhecido já nas luctas da imprensa, o orador sahiu do silencio do gabinete para a tribuna ruidosa do ensino popular, conservando a calma do pensador e a imparcialidade do apostolo da verdade. O tentamen do illustre orador é generoso e os resultados serão proficuos. Em nome de meus collegas e discipulos da *Escola Popular*, agradeço o impulso nobre e vigoroso que o batalhador das idéas livres imprimiu á nossa humilde empreza, tão guerreada pelos ateadores de insultos e calumnias. » (*)

Em 1874 fundou com João Brígido e João Camara o jornal maçónico — *Fraternidade Cearense*, no qual defendeu com a maxima independencia de espirito as doutrinas mais avançadas em materia religiosa e scientifica. Christianismo, positivismo, evolucionismo etc., foram um a um expostos e discutidos n'este periodico.

Em 1875 apresentou-se ao concurso das cadeiras de portuguez, geographia e historia, no Lyceu da Fortaleza tendo sido collocado em primeiro lugar. Em 1876 apresentou-se novamente a concurso da cadeira de geographia, vaga pela morte do Dr. Francisco José de Souza. Ainda collocado em primeiro lugar, foi finalmente nomeado pelo Desembargador Faria Lemos, seu adversario politico.

A' propaganda jornalística succedeu a da tribuna. Repetidas vezes subiu o Dr. Pompeu á cadeira de conferencias da Escola Nocturna para doutrinar sobre historia, philosophia, politica etc.

Sua actividade litteraria foi grande n'este periodo. Artigos philosophicos, de exegese religiosa, scientificos, escreveu-os na *Fraternidade*; de polemica partidaria, no *Cearense*; de critica litteraria e historia, n'este jornal e em pequenas revistas da epocha; contos e phantasias, em diversos jornaes; cursos historicos, fel-os na Eschola Nocturna: de geographia e de historia, no Lyceu etc.

Em 1877 escreveu, a pedido do Dr. Sabino do Monte,

(*) Rocha Lima — Critica e Litteratura. pag. 99.

a parte do relatorio do presidente Estellita, relativa á instrucção publica.

Em 1878 escreveu tambem, a pedido do Conselheiro José Julio, a parte do relatorio d'este referente á mesma materia. A despeito do córte, que o artigo soffreu, na publicação, ainda constitue uma monographia extensa sobre o assumpto.

De 1878 a 1886 foi eleito e reeleito deputado á Assembléa Geral Legislativa, na qual tomou a palavra sobre questões de finanças, de melhoramentos materiaes para o Ceará etc. Na discussão do orçamento da agricultura em 1881, falou sobre immigração, credito agricola, colonisação, por espaço de quatro horas e meia. O seu discurso publicado nos annaes do Parlamento occupou cerca de 50 paginas.

Em 1880 escreveu, a pedido de um amigo, sua these de concurso para a cadeira da Eschola Polytechnica—*Da Estatística, sua origem e fundamento*—, trabalho que foi publicado na Typ. Academica da Rua 7 de Setembro, em 4.º grande, com 80 paginas. Rio de Janeiro.

No mesmo anno organisou com o professor José de Barcellos e João Brigido o regulamento da instrucção publica, e fundou em Fortaleza, com João Lopes, Dr. Accioly e João Camara, o jornal *Gazeta do Norte*.

Ainda no mesmo anno forneceu os dados e informações com que o Senador Leão Velloso escreveu o seu relatorio.

Na *Gazeta do Norte* escreveu artigos sobre finanças, melhoramentos materiaes do Ceará, politica diaria etc., tendo sido talvez o primeiro no Brazil que ensaiou o conto ou romance naturalista n'uma serie de estudos psychologicos, que publicou n'este periodo, de 1882 a 1884.

Em 1885 escreveu a pedido do Desembargador Barra-das uma extensa memoria sobre o commercio e industria no Ceará, a qual se acha appensa ao relatorio do mesmo presidente (in folio de 90 paginas).

Em 1886 escreveu a longa *Memoria sobre a população do Ceará*, inserta em dois numeros da Revista do Instituto do Ceará.

Nomeado em 1886 Director da Instrucção Publica e logo em seguida 1.º Vice-Presidente da Provincia, entrou em exercicio da administração em Setembro do mesmo anno, apresentando, ao sair da administração, ao Governo Geral uma extensa memoria historica sobre a assistencia publica no Ceará em 1888 e 1889, em 4.º com 160 paginas, além do relatório com que passou a administração ao Coronel Moraes Jardim. Ambos trabalhos inéditos.

Em 1891 publicou um longo estudo sobre a *Qualidade das Camaras Legislativas*, e outro sobre a *Fiscalisação do ensino nos paizes cultos*.

Em 1892 escreveu uma serie de artigos sobre as *Vantagens dos trabalhos de irrigação no Ceará*.

Por este mesmo tempo começou a escrever as suas *Licções de Geographia Geral*, que vieram a luz em 1894. Esta ultima obra forma um volume de 650 paginas em typo miudo. E' um trabalho magistral e pondo de parte os defeitos da impressão, que foi, segundo diz o auctor, apenas um expediente de que largou mão para passar a limpo a sua obra, preparando assim a edição definitiva, é o que já se escreveu no Paiz de mais completo sobre o assumpto e mesmo poder-se-á dizer, a melhor Geographia escripta em lingua portugueza.

No fim do mesmo anno e começo de 1893 escreveu a monographia—*O Ceará na Exposição de Chicago*, estudo da topographia, do clima, condições economicas e moraes do Estado do Ceará em 1892. Fôrma essa monographia um volume em 4.º de 212 paginas em typo miudo e é um trabalho de muito merito, o mais completo que já foi publicado sobre o Ceará em suas condições topographicas, climatericas, economicas e moraes.

Em fins de 1893 e começo de 1894 escreveu o Dr. Thomaz Pompeu uma série de artigos sobre—*As vantagens da irrigação por meio da barragem do boqueirão das Lavras no valle do Jaguaribe*. Alguns destes artigos foram transcriptos no *Jornal do Commercio*, do Rio, no *South American*, de Londres, e traduzidos em flamengo.

Em fins de 1894 e começo de 1895 escreveu a *Memo-ria sobre saneamento da cidade da Fortaleza*, inedita e

que poderá formar um volume de 200 paginas. Desta obra diversos capitulos foram lidos nas sessões nocturnas da *Academia Cearense*.

Em 1894 escreveu uma serie de artigos sobre questões economicas e sobre os beneficios colhidos pela irrigação na India e nos Estados Unidos da America do Norte, publicados no *Commercio*, do Ceará.

Além destas publicações, artigos de critica litteraria e scientifica em revistas e jornaes, desde 1874 a'è 1892, existem por ahi em quantidade do infatigavel escriptor.

*
* *

Eis ahi o que verdadeiramente constitúe uma vida exclusivamente dedicada aos trabalhos do espirito. Já não é pouca cousa em uma terra onde bem pouco numerosos são os que lêem e onde tão pouca importancia se liga aos homens de sciencia. Mas o que é mais admiravel em Thomaz Pompeu é a sua correcção scientifica, a elevação de seu ponto de vista, sua disciplina inflexivel, tanto mais apreciavel e digna, quanto é certo que vivemos em um paiz de indisciplinados.

Correcto em tudo, parece que elle reflecte na intelligencia os habitos da vida ordinaria, trazendo sempre em ordem o inventario de suas idéas, do mesmo modo que, segundo me consta, traz sempre rigorosamente organisa-do o orçamento de sua receita e despeza.

Se me fosse permittido affirmar qual seria a sua vocação particular, caso sempre fôsse dado ao homem collocar-se na sociedade em conformidade com as suas aptidões, eu diria: é um estadista, um homem de governo.

Com effeito, o Dr. Thomaz Pompeu allia a seus grandes dotes intellectuaes a preciosa qualidade de uma vontade energica; e tal é a qualidade mais essencial aos homens, que governam. Depois, sua experiencia é já longa das cousas da vida; elle sabe sempre resolver com promptidão as questões mais complicadas, alliando o mais alto grau de prudencia a um character perfeitamente autonomo e verdadeiramente indomavel. Entretanto, toleran-

te e benigno, elle, como todos os espiritos superiores, não é homem para preoccupar-se com as pequenas cousas. Olha sempre de ponto de vista elevado para as questões, sem ver nos factos mais que simples accidentes e nos individuos mais que méros instrumentos da evolução social. Faz, porém, do direito um culto; e quanto ao acto de não se preocupar com as pequenas cousas, abre uma excepção em finanças, onde reconhece a verdade de que as grandes cousas resultam da somma das pequenas. D'ahi sua dupla opposição: por um lado contra tudo que é tendente, por parte do governo, a degenerar em violencia contra os direitos do cidadão; e por outro lado, contra toda e qualquer medida, por parte dos politicos, que se incline a trazer como consequencia o esbanjamento dos dinheiros publicos.

E' o que se deduz de todos os seus trabalhos propriamente de caracter politico, e neste sentido mostra-se elle systematico até a violencia; e por isto mesmo é bem provavel que já tenha soffrido mais de uma injuria, sendo não poucos os inimigos que tem adquirido. Não obstante, perdôa com facilidade todas estas intolerancias; é o primeiro a reconhecer o merito, mesmo de seus mais exaltados desaffectedos; e nunca se mostra aggressivo senão para com os intolerantes de cerebro estreito, que são incapazes de encherger uma linha além da esphera asphixiante de seus preconceitos e odios.

*
* *

A predilecção particular do Dr. Thomaz Pompeu é a sciencia. D'ahi o predominio da abstracção em seus trabalhos, sendo que difficilmente tenta elevar-se ao dominio das cogitações intuitivas. E' com formulas abstractas que elle joga; é dos principios adquiridos da sciencia, que elle procura fazer applicação ás questões praticas.

E' elle o que verdadeiramente se pode chamar um espirito positivo, um homem pratico. E' que sceptico em philosophia, pessimista em religião, o Dr. Thomaz Pompeu encontra na sciencia o terreno proprio para sua acti-

vidade mental, ao abrigo das duvidas mortificantes, que trazem o espirito moderno em estado de constantes vacillações. Reconhece que o mundo moderno atravessa uma crise angustiosa e terrível; e que grandes são as difficuldades presentes da civilisação; mas se ha para estas difficuldades algum remedio, este só pode ser encontrado na sciencia mesma.

E' um bello programma. Comtudo, como era naturalmente inevitavel a um espirito da força do Dr. Thomaz Pompeu, acontece que elle nem sempre se mostra fiel a esse programma e ha momentos em que decididamente ultrapassa os limites desta esphera, que se traçou como regra de conducta e principio de disciplina mental. E assim é não raramente que, mesmo quando desenvolve os seus programmas scientificos, algumas vezes tende a philosophar. E' debaixo desse ponto de vista que eu vou consideral-o agora, para terminar esta ligeira apreciação.

Aqui, porém, não é cousa facil chegar a uma deducção rigorosa. O Dr. Thomaz Pompeu não publicou sobre o assumpto uma obra systematica, de modo a nos permittir formar um juizo seguro; tem apenas trabalhos esparsos, observações e notas accidentaes feitas a proposito de questões, que visam objecto diverso, e por entre as quaes difficilmente poderemos chegar á percepção de seu pensamento intimo. Todavia uma cousa é fóra de toda a duvida: é sua completa emancipação de todo e qualquer preconceito religioso. « Semelhante ao fakir, que nada reserva para si, mas illude os desejos humanos com deslumbrantes visões, diz elle,—é a meiga e modesta fé. Promette tudo em troco de migalhas, de um quasi nada—do não racionar ». D'ahi a sua mediocre sympathia pelas intelligencias, que repudiam a faculdade de pensar por esperarem lhes desça a verdade em um raio de divina inspiração, na dôce indolencia de espirito caracteristica da ignorancia ou da fé. » A isto chama ainda elle um producto da inercia, do mêdo de enffrentar resolutamente os problemas da vida quando não systematica obsessão intellectual. « Mas viver é o contrario disto; e na concorrencia vital das intelligencias primam as que são mais

energicas e dispõem de noções mais completas sobre a evolução do individuo e das sociedades ».

E' no discurso com que fez o Dr. Thomaz Pompeu a sua entrada no « Instituto do Ceará » em 1889, que me fando para externar estes conceitos. (*) Este discurso é não somente importante debaixo do ponto de vista puramente litterario, como é ao mesmo tempo uma profissão de fé religiosa e scientifica. Ahi o paraizo é identificado ao nyrvana, a fé combatida como expressão da indolencia do espirito, a religião reduzida ás proporções de um mero sonho de illuminados.

Vê-se, pois, que o problema das religiões é para o Dr. Thomaz Pompeu cousa liquidada. Elle já não está sómente em duvida, sustenta com energia e convicção a improcedencia e inanidade de todas as religiões existentes. Mas se assim é, como deve ser comprehendida a questão da organização social no futuro? Será de todo eliminado o elemento religioso ou será creada uma religião nova? Sobre este ponto não se decide o Dr. Thomaz Pompeu, nem mesmo parece que elle chegue a ter formulado esta questão. Mas em todo o caso se procurarmos deduzir de suas tendencias e predilecções uma solução qual quer, vê-se-a que é sempre para a sciencia que elle appella. São a sciencia e o trabalho que, ao que parece, constituem, segundo o Dr. Thomaz Pompeu, as duas alavancas da sociedade, sendo que é por um lado das bibliothecas e por outro lado das officinas que ha-de sahir o principio da regeneração do futuro.

Outra idéa original do illustre escriptor é a que é por elle sustentada em relação á historia.

« Não sou apologista, diz elle, do que entre nós se entende por *historia*, nem comprehendo que para o apresto ordinario da vida, para a lucta, que incessantemente o homem trava para subsistir, lhe seja necessario vergar a memoria ao pezo de factos mal delineados pelo affastamento

(*) Esse discurso foi publicado na « Revista do Instituto », 2.º trimestre de 1889. Foi delle que extrai as citações acima.

em que estão do presente, e de mediocre importancia para seu proceder ordinario.

« Que somma de utilidade recolhemos em saber de cór os nomes dos imperadores, tyrannos, usurpadores, reis, etc., que dirigiram os povos antigos e modernos, si não podemos penetrar no modo de sentir, de pensar, de crêr, do viver moral e material de taes povos ?

« Quaes os documentos legados pelas eras mortas para reconstruir a alma dessa multidão anonyma, que construiu as pyramides do Egypto, que cinzelou a rocha dos pagodes de Hayderabad e de Ellora, que traçou aavez da Europa as estradas marciaes no tempo dos Cezares, que inundou a cidade média de templos gothicos, e a moderna das gigantescas obras de engenharia ?

« A historia, tal como tem sido escripta, não passa de biographias, em torno das quaes se aggrupam acontecimentos politicos ou administrativos, de pouca relevancia para o estudo da evolução dos povos.

« As tentativas em contrario feitas por Macaulay, Buckle, Richard Green, Curtius, Momsem, Montesquieu, Fustel de Coulanges, Taine e outros, mostram quão pouco se tem feito para aprofundar o conhecimento do sentir, pensar e obrar da humanidade aavez dos seculos.

« E quem sabe se uma reconstrucção tão larga, tão viva do passado será possivel com os fragmentos, que o tempo respeitou ?

« E quando uma tal obra fosse erguida pelo esforço cyclopico de muitas gerações de pacientes investigadores, que resultados scientificos compensariam tão ingente esforço ?

« Valeria a pena penetrar mais no intimo do que chamamos alma humana para marcar-lhe os estagios, prescrutar o genesis do conhecimento ?

« E depois, quem sabe se a verdade não é triste, como insinúa o auctor dos *Dialogues Philosophiques* ?

« Os estudos historicos valem menos para a hygiene intellectual e bem dos povos do que a demographia, por exemplo, cujas revelações são verdadeiros ensinamentos para os Estados e para o individuo.

« A historia é o passado mais ou menos longinquo, é a sensação que se transformou, a lembrança que se vae apagando da memoria.

« A natureza que amortece a impressão e transmuda as sociedades, parece ter creado entre o homem actual e as eras mortas uma barreira invencivel, forçando-o a pensar e a curar mais do presente e do futuro que de epochas distantes, perdidas no passado.

« Ha muito que fazer para aperfeiçoar as armas de combate com que os luctadores de hoje disputam as migalhas da vida; não é ao passado longinquo que iremos pedir lições; é na observação e nas experiencias dos nossos contemporaneos que precisamos aprender.

« As indagações estereis ou simplesmente deleitaveis devem ceder procedencia á sciencia da vida e á do homem como sêr social. (**)

Eis ahi. Como se vê, o que prevalece sempre é o lado pratico, o espirito positivo. Ao que se deduz das proprias palavras do Dr. Thomaz Pompeu, que devemos ter sempre em consideração na religião, na sciencia, na philosophia, na historia, em tudo, é antes de qualquer outra cousa, o interesse real da sociedade, as necessidades praticas da vida. Ha talvez em tudo isto um echo das theorias de Bentham modificadas pelos progressos introduzidos por acção dos novos utilitaristas inglezes. Como quer que seja, porém, não é da origem das cousas, nem tão pouco da simples investigação do passado nos limites da historia propriamente dita, que devem occupar-se os espiritos praticos.

Tudo isto quando não seja incessivel ao espirito humano, pouco proveito trará para as luctas ordinarias da vida, sendo que o que verdadeiramente caracteriza a sciencia é a sua analogia com os factos; o que a distingue da phantasia e do sonho é a sua conformação com a observação e experiencia das cousas, que se passam debaixo de

(**) Discurso cit. «Revista do Instituto do Ceará», de 1889, 2.^o trimestre.

nostros próprios olhos. Não é, pois, no passado que nos devemos inspirar, sendo que para que possamos almejar a victoria e bem orientados tenhamos de tomar parte nas luctas do espirito, o que devemos estudar é não a origem da vida, mas a vida mesma com todos os seus elementos e aspirações, com todas as suas complicações e necessidades.

Não entra em meu programma fazer a refutação das doutrinas do illustre escriptor, nem eu estou longe de concordar com elle quanto ao ponto de que aqui se trata; mas isto entendendo-se em termos as suas affirmações. A simples exposição dos acontecimentos ordinarios da historia, sem procurar submettel-os a um systema de leis que os esclareça e uniformise, é sem duvida um exercicio inutil, que sobrecarrega a memoria e nada poderá produzir de verdadeiramente efficaz. Mas para deduzir leis é indispensavel conhecer factos; e se é certo com effeito que para nos preparar para as luctas da vida, o que mais importa conhecer é o presente, é certo tambem que sem o conhecimento do passado não pode ser completo o conhecimento do presente, de modo a auctorisar a deducção do futuro. O presente é como uma especie de ponte imperceptivel collocada entre dous mundos; dessa ponte por onde vão passando indefinidamente as gerações, que se succedem, uns vivem continuando olhando para o futuro, de onde procuram surprehender os segredos do ignoto, outros voltam-se para o passado, de onde se esforçam de arrancar as raizes da historia.

Os videntes do futuro é que dão, sem duvida, maior impulso ao progresso; mas são os investigadores do passado que mais trabalham pela sciencia, sacrificando muitas vezes por ella a propria vida. Nós mesmos, não obstante as proporções acanhadas de nosso meio, temos alguns desses trabalhadores incansaveis e abnegados. O Dr. Guilherme Studart, por exemplo, medico illustre, dedica á investigação do passado cearense todas as forças de seu vigoroso espirito. E' sabido que elle possui uma collecção enorme de documentos, sendo immensa a extensão da empreza que pretende realisar para renova-

ção de nossa historia, e diversos trabalhos já tem neste sentido publicado em que não menos admiravel é a extensão dos conhecimentos, que revela, do que o estylo claro e algumas vezes brilhante com que sabe expôr o resultado de suas cogitações. João Perdigão, da Secretaria de Justiça, é outro incansavel investigador, e o trabalho que já publicou na «Revista do Instituto do Ceará», sobre os limites do Ceará com o Rio Grande do Norte é uma obra de grande merito, formando por si só um volume em 4.º de 300 paginas. Não me consta, porém, que a imprensa de nossa terra tenha sequer dado noticia de seu trabalho. O Dezembargador Paulino Nogueira, de quem um importante trabalho—*Execuções Capitaes no Ceará*, foi, não ha muito, publicado tambem na «Revista do Instituto», João Brígido, Antonio Bezerra, Theberge e outros são homens, que se esforçam por fazer reviver nosso passado.

Contra estes, por certo, não se oppõe o Dr. Thomaz Pompeu, que aliás é tambem conhecido por sua vasta illustração em historia. O que elle condemna não é a historia propriamente dita; mas unicamente o seguinte: quanto a questão das origens, a historia phantastica e maravilhosa das theologias; e quanto a investigação do passado, a simples exposição desordenada de factos sem importancia, e a coordenação systematica de documentos muitas vezes inuteis, tudo sem deducção das leis a que obedece a evolução das sociedades.

E em moral? E' o que nos falta indagar. Aqui é ainda para as necessidades da vida pratica, que appellá o Dr. Thomaz Pompeu. Parece que é na eschola experimental que deve ser elle classificado, sendo que acostando-se ao ponto de vista geral dos utilitaristas inglezes, em vez de adoptar a conhecida idéa de Socrates—*philosophar é aprender a morrer*—, penso, ao contrario, antes se inclina para o pensamento celebre de Spinoza—*a sabedoria é o pensamento da vida, não da morte*.

Novembro de 1895.

R. FARIAS BRITO.

